

A FAMÍLIA PIVA DE POÇOS DE CALDAS



Foto: Família Piva e agregados em Aparecida – SP para o casamento de Roque Piva e Regina, ele filho do casal ao centro Ferdinando e Genoveva na década de 50

Elaine Piva

Poços de Caldas Agosto de 2024

Sante Piva e Rosa Metti, meus trisavós, são o casal que deu origem à família Piva em Poços de Caldas.

Ambos nasceram em Monfumo, na província de Treviso no Vêneto e se casaram ali em 15 de Março de 1889.

Sante nasceu em 26 de Março de 1866 na fração de Castelli.

Seus pais eram Ferdinando e Angela Trinca, casados ali em 27 de Fevereiro de 1865.

Rosa nasceu em 1865, filha de Sante Metti e Anna Marin.

Monfumo atualmente tem pouco menos que 1.500 habitantes.

Chegaram ao Brasil pelo porto de Santos em 22 de Dezembro de 1891 no vapor Rio de Janeiro e foram matriculados na Hospedaria do imigrante de São Paulo, antes de partirem para o Sul de Minas, seu destino final.

Sante tinha 26 anos e Rosa 27 anos.

Com o casal vieram:

-Angela de 48 anos – mãe de Sante

-Angela de 4 anos – filha mais velha

-Angelo de 2 anos – filho

-Lucia de 1 ano – filha

-Amabile de 15 anos – irmã

**MATRICULA DOS IMMIGRANTES ENTRADOS
NA HOSPEDARIA DO ESTADO DE S. PAULO**

Foto: matrícula da família Piva na hospedaria do imigrante de São Paulo -SP 3^a família da folha

A família se estabeleceu na zona rural em 1892, na Fazenda Barreiro em Poços de Caldas, de propriedade do Coronel Agostinho da Costa Junqueira, onde foram contratados para trabalhar nas lavouras de café sob o sistema de colonato.

A 1ª filha do casal nascida já em solo brasileiro foi Luiza, em 20 de abril de 1892.



Foto: trisavó Rosa Metti em local não identificado

O 2º filho foi meu bisavô Ferdinando, nascido em 05/07/1894, ainda na Fazenda Barreiro.

Além desses, tiveram outros 4 filhos: Antonio em 1896, Luigi em 1897, Giovanni em 1899 e Giuseppe em 1901.

Segundo Mario Seguso, autor do livro “Os admiráveis italianos de Poços de Caldas”, obra que se transformou no mais importante estudo sobre a imigração italiana na cidade, a maioria dos colonos ficou enraizada durante muito tempo a serviço da família Junqueira, antes do núcleo inicial que era representado pela Fazenda Barreiro e depois se transferiram aos poucos para outras propriedades de parentes ou nas novas fazendas que iam surgindo quando os mais jovens do clã iam se casando e começando novas propriedades.

Aconteceu assim quando uma filha do coronel se casou com um primo – José Affonso de Barros Cobra e juntos receberam a Fazenda Santo Aleixo para administrar, local para onde a família Piva se deslocou após o nascimento de Ferdinando e onde, em 1910, faleceu o patriarca Sante. Até hoje, a fazenda é de propriedade da mesma família.

Na Fazenda Santo Aleixo, em uma das 3 colônias – Maior, Lavapés e do Sapo, a família se instalou e conviveu com outras tantas, juntando os dialetos vêneto, friulano, lombardo e toscano, regiões de onde veio a maioria, e transformando o dia-a-dia em uma verdadeira Torre de Babel, onde todos se entendiam.



Foto: Uma das colônias da Fazenda Santo Aleixo atualmente – talvez a denominada “Maior”

Ali trabalhavam, rezavam, festejavam, também choravam seus mortos, mas em grande união, se ajudando e se apoiando mutuamente.

Em recente visita à fazenda, encontrei em razoável estado de conservação, as casas das colônias, pois elas foram usadas até consideravelmente pouco tempo atrás por colonos também.

Dentro de uma delas encontrei uma gravura de Santa Luzia (Santa Lucia), a protetora dos olhos, justamente minha santa de devoção nos trabalhos de pesquisa, pois ela me clareia a visão quando o caso é mais difícil.

Santa Lucia também é tema de muitas canções napolitanas que narram histórias de imigração, como esta, escrita por Massimo Ranieri “Santa Lucia luntana” em dialeto napolitano, que neste caso faz referência a um antigo bairro histórico de Nápoles:

Partono ‘e bastimente	Partem os navios,
Pe’ terre assaje luntane...	Por terras muito distantes...
Cántano a buordo:	Cantam a bordo
Só’ Napulitane!	São napolitanos!
Cantano pe’ tramente	Cantam e no entanto
‘O golfo giá scumpare,	O golfo já desaparece
E ‘a luna, ‘a miez’ô mare,	E a lua no meio do mar,

Nu poco 'e Napule
Lle fa vedé...
Santa Lucia! Luntano 'a te,
Quanta malincunia!
Se gira 'o munno sano,
Se va a cercá furtuna...
Ma, quanno sponta 'a luna,
Luntano 'a Napule
Nun se pò stá!

Um pouco de Nápoles,
Lhe faz ver...
Santa Lucia, longe de ti
Quanta melancolia
Se gira o mundo todo,
Se vai procurar fortuna
Mas quando desponta a lua
longe de Nápoles
Não se pode estar

E sònano... Ma 'e mmane
Trèmmano 'ncopp"e ccorde...
Quanta ricorde, ahimmé,
Quanta ricorde...
E 'o core nun 'o sane
Nemmeno cu 'e ecanzone:
Sentenno voce e suone,
Se mette a chiagnere
Ca vò' turná...

E tocam... mas as mãos,
Tremem nas cordas
Quantas lembranças, ai de mim,
Quantas lembranças
E não sara o coração,
Nem com as canções
Ouvindo vozes e sons
começa a chorar
Porque quer voltar

Santa Lucia! Luntano 'a te,
Quanta malincunia!
Se gira 'o munno sano,
Se va a cercá furtuna...
Ma, quanno sponta 'a luna,
Luntano 'a Napule
Nun se pò stá!

Santa Lucia longe de você
Quanta melancolia
Se gira o mundo todo
Se vai procurar fortuna
Ma quando desponta a lua
Longe de Nápoles
Não se pode estar

Santa Lucia, tu tiene
Sulo nu poco 'e mare...
Ma, cchiù luntana staje,
Cchiù bella pare...
E' 'o canto d"e Ssirene
Ca tesse ancora 'e rrezze!
Core nun vò' ricchezze:
Si è nato a Napule,

Santa Lucia tu tens
Só um pouco de mar
Mas, mais distantes estás
Mais bonita pareces
E o canto das sereias
Que tecem ainda as redes
Coração não quer riqueza
Se nasceu em Nápoles

Ce vò' murí!

Lá quer morrer

Santa Lucia! Luntano 'a te...

Santa Lucia! Longe de você...

Quanta malincunia!

Quanta melancolia!



Foto: Capela de São José construída na Fazenda Santo Aleixo pelos colonos em 1903



Foto: ruínas do fogão a lenha em uma das casas da colônia da Fazenda Santo Aleixo

Ferdinando se casou em 03 de Outubro de 1914 com Genoveva Dall'Ava, nascida em 1894 em Poços de Caldas, filha de um vêneto com uma friulana, casados na Itália.



Fotos : Ferdinando Piva e Genoveva Dall'Ava



Os pais de Genoveva eram Antonio Gaetano Dall'Ava di San Fior di Sotto (Treviso) e Teresa Moras di Sacile (Pordenone): eles também se estabeleceram na Fazenda Santo Aleixo.

O 1º filho do casal Ferdinando e Genoveva é meu avô Santo Piva, nasceu na Fazenda Santo Aleixo em 20 de Julho de 1915, assim como todos os seus irmãos.

A partir de 1915, muitas famílias conseguiram adquirir seu próprio pedaço de terra, sonho maior de todos os imigrantes, principalmente os que eram agricultores na Itália, mas meu bisavô ainda era colono; em algum momento se transferiu para outra fazenda: a Santa Alina, informação que me deu minha tia avó Zélia, a mais nova e a única irmã viva.



Foto: da esquerda para direita Elaine Piva, Zélia Piva e Zoraia Piva Moraes



Foto: A menina Zélia Piva com a avó materna Teresa Cancian

Nesse cenário, cresceram meu avô, seus irmãos e irmãs. Aos poucos foram se casando, alguns irmãos com moças de Botelhos, algumas irmãs com rapazes de outras cidades.



Foto: tio – avós Roque Piva e Zélia Piva, filhos de Ferdinando e Genoveva



Foto: bisavô Ferdinando Piva com duas de suas filhas

O casamento do meu avô aconteceu em Poços de Caldas com Maria Zanette, também de origem italiana, nascida na Fazenda Santo Aleixo em 1917, cuja numerosa família viera da província de Pordenone. A família Zanette chegou ao Brasil em 1897 no vapor Agordat.



Foto: Casamento dos meus avós Santo Piva e Maria Zanette

Não tenho a data de quando a família comprou o próprio sítio às margens do Rio Pardo, ainda no município de Poços de Caldas, mas para ali também foram algumas famílias mais íntimas, inclusive a família Zucatto, também de Monfumo.



Foto: ruína da 1^a casa construída pelo chefe da família Zucatto às margens do Rio Pardo

Do sítio dos meus avós às margens do Rio Pardo, tenho muitas e doces lembranças: o terreiro, onde ajudávamos a mexer os grãos de café fazendo ruas com um grande rodo, a fim de que ele secasse por igual. Também tinha a hora de “procurar filipe” que consiste em vencer quem encontrasse dois grãos grudados, como se fossem siameses. O prêmio era sempre umas palmadinhas na cabeça dadas pelo meu avô querendo dizer: “Muito bem!”

Deleite mesmo era chegar da cidade e ver o grande cacho de bananas que ele com cuidado fechava dentro do pequeno armário azul de madeira a fim de que amadurecesse pra que comêssemos no fim de semana; ver o queijo recém feito pela minha avó, os “codeghini” defumando sobre o fogão a lenha, o cheiro do “pon” (era como minha avó falava pão pela dificuldade do som anasalado da sílaba ão) no forno de barro no quintal, a polenta fresca sobre a tábua, aguardando para ser cortada com um fio de nylón e ao entardecer, sentados todos em volta da grande mesa de madeira, ouvíamos o rádio enquanto minha avó fazia uma sopa com um pedaço duro de queijo dentro para dar sabor e textura, hábito que aprendeu com a mãe friulana e que eu trago comigo.

Meu pai, Celso, nasceu e viveu ali até se casar com minha mãe em Botelhos, em 1969.

Desse sítio hoje, infelizmente, só existe uma casa que foi totalmente remodelada e de nada lembra a casa de janelas azuis, altas e alpendre na frente de outrora, o que nos causa imensa tristeza.

Minha mãe Ilda, também neta de italianos, nasceu em um outro sítio, já no município de Botelhos, onde seu avô Eugenio Benetello oriundo do comune extinto de Zelarino, há 9 quilômetros de Veneza, se casou com Giuseppina Bottone de Molinella província de Bolonha.

Os Benetello vieram da Itália em 1889 e em Minas, passaram pela hospedaria Horta Barbosa com destino a Três Corações e depois para Botelhos onde adquiriram as terras.

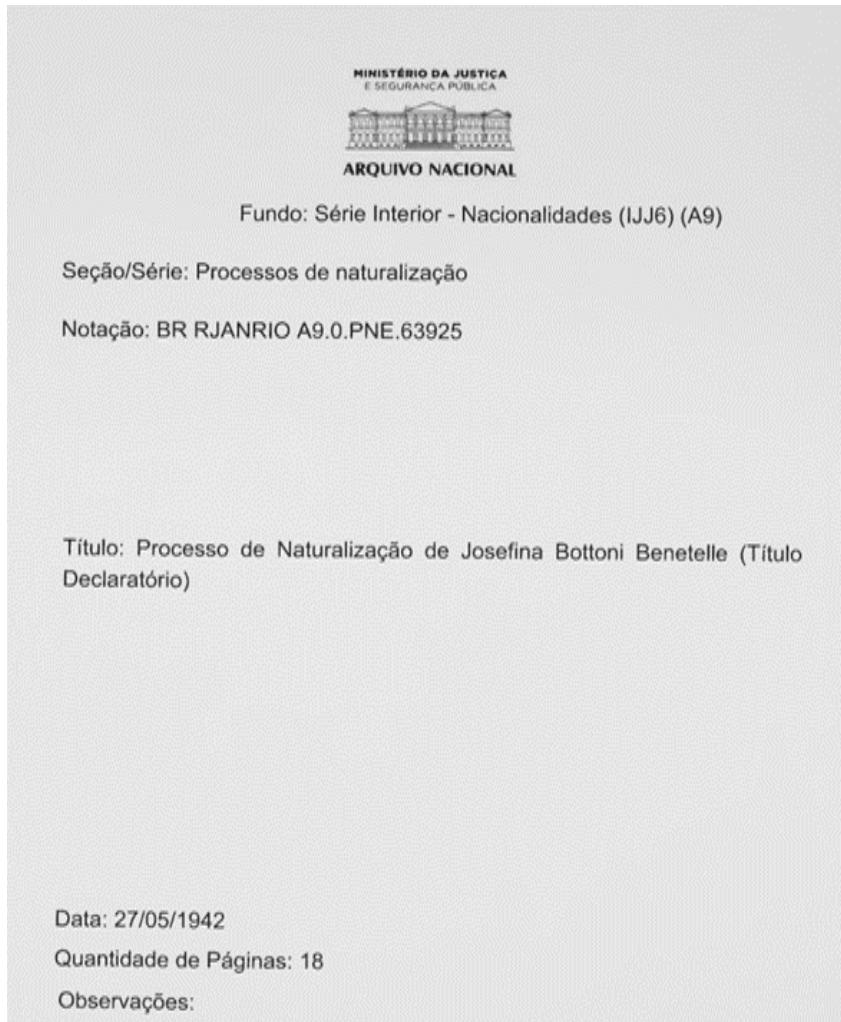
Dos Bottone não tenho muitas informações, a não ser que passaram por Machado pois lá constituiu família uma das irmãs de minha bisavó, cujos descendentes fiz contato atualmente.

Enquanto eu escrevia esse artigo, descobri no site do Arquivo Nacional o processo de naturalização de minha bisavó Giuseppina Bottone e qual não foi a minha surpresa, pois ninguém da família tinha essa informação. Fiquei pensando o que levou uma viúva, avó, herdeira das terras do marido, a pedir a naturalização brasileira, portanto, renegando a italiana.



Fotos: Giuseppina Bottone minha bisavó materna.

Abaixo: página de rosto do processo de naturalização dela.



A fé e a devoção dos imigrantes italianos em geral sempre foram muito fervorosas. Em tempos difíceis a prece, em tempos de bonança, o agradecimento.

Todos os anos, era tradição que as famílias fizessem romarias à Aparecida – SP, para pedir e agradecer pelas graças recebidas.

A foto abaixo corresponde à viagem da foto de capa, quando algum jovem casal também se programava para realizar a cerimônia religiosa sob as bênçãos de Nossa Senhora Aparecida.

Era ocasião de muita festa e por várias semanas as “mammas” preparavam os salames, queijos, pães e “quitandas” que serviriam para alimentar o grupo, onde nas paradas pelo caminho, todos compartilhavam do alimento levado. Elas também costuravam as roupas de todos e iam à cidade comprar os cortes de tecido e os sapatos para a viagem.

Seguramente era o único período de lazer que tinham no ano todo, além é claro das pequenas festividades religiosas locais.



Foto: família Piva, agregados e amigos em viagem para Aparecida na década de 50. Meu pai Celso Piva é o primeiro garotinho na primeira janela da direita para a esquerda.



Foto: Meu avô Santo Piva e meu pai Celso Piva em uma das viagens à Aparecida - SP

A família Piva hoje é bastante grande, todos são descendentes de Sante e Rosa. Estão espalhados por algumas cidades de Minas, e na capital de São Paulo, e ainda existe uma grande incidência de casamentos entre descendentes, assim como era no passado com os imigrantes, isso faz da comunidade italiana de Poços de Caldas, uma grande e única família.

Sempre tive uma paixão avassaladora pela minha origem e sempre quis saber mais sobre ela desde criança e sempre que descubro novas informações acerca dela é como se um mundo novo de possibilidades de abrisse.

Já estive algumas vezes na Itália e em 2019 minha irmã e eu, pudemos levar nossos pais para conhecer as cidades de onde partiram seus avós.

Com meu pai estivemos em Monfumo, cidade de onde partiu a família paterna - os Piva. Não pudemos conhecer Sacile, cidade da família materna – os Zanette.

O acesso à Monfumo é bem difícil, só é possível ir de trem até Treviso e de lá, alugar um carro ou pegar um taxi, não existe transporte público que ligue a capital ao pequeno município.

Lá fomos à igreja de San Giorgio Martire onde todos foram batizados e casados, conheci a secretária voluntária - que me apontou algumas casas onde moram os Piva, mas estavam todos trabalhando em Treviso - e o funcionário do registro civil, seu irmão.



Foto: Rua de Monfumo



Foto: indicação de direção de Monfumo e da fração de Castelli

Não tivemos tempo de explorar mais a cidade pois estávamos hospedados em Veneza e tínhamos que respeitar as limitações dos meus pais.



Foto: meus pais, irmã e eu em Monfumo

Foi muito emocionante pensar em quão difícil foi fazer aquele deslocamento, em pleno inverno, rigorosíssimo naquelas paragens, com crianças pequenas até Gênova, onde embarcaram, e depois a travessia.

De material não deixaram muito, mas de sentimental era um número impensável: pais, filhos, parentes e amigos que não quiseram sair, toda uma vida que deveria ser reconstruída em outro país.

Por sorte vieram mais uma ou duas famílias junto a eles, para diminuir a tristeza e se mantiveram juntos até o fim.

De Monfumo também partiram outros Piva para o Rio Grande do Sul, acredito que sejam meus parentes.

Com minha mãe estivemos em Zelarino, cidade de onde partiu a família Benetello, não tivemos a chance de conhecer Molinella, a cidade dos Bottoni.



Foto: com minha mãe em Zelarino

Zelarino, como citado acima, é um comune extinto: quer dizer que ainda existe, mas como um bairro de Veneza, toda a sua administração, principalmente os serviços aos cidadãos como registro civil, eleitoral etc são feitos na capital.

Pelo que conversamos com alguns moradores, não conhecem ninguém com o sobrenome Benetello atualmente lá, carecia de mais tempo para pesquisar, mas a sensação de estar abandonando o lugar também foi a mesma.

Lugar comum dizer que na Itália me sinto em casa, pois já ouvi muitos descendentes dizerem o mesmo. Lá sempre quero me misturar com os locais, conversar e viver a vida como eles enquanto estou ali.

Vejo muito deles em mim.

É um projeto de vida viver algum tempo por lá, não sei quando e não sei onde.

O meu maior prazer é sair na rua de manhã, sentir aquele cheiro de café, tomar um de pé ao balcão e cumprimentar: “BUONA GIORNATA!”.



Foto: Filhas, filhos, noras e genros de Ferdinando Piva, infelizmente quase todos já falecidos





Fotos: Encontro de parte da família – filha, netos e bisnetos de Ferdinando



Foto: O sobrenome Piva na grande parede de sobrenomes de famílias que passaram pela Hospedaria do imigrante do Brás em São Paulo - SP